ISSN 2175-1838
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo científico

https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634907

REVISTA Pistis & Praxis TEOLOGIA E PASTORAL

pistispraxis/index

PUCPRESS

A linguagem dos números no Apocalipse: uma gramática simbólica da revelação

The language of numbers in the book of Revelation: a symbolic grammar of revelation

Mariosan de Sousa Marques [a]
Goiânia, GO, Brasil
[a] Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

David Pereira de Jesus [b]
Cidade, UF, País
[b] Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Como citar: MARQUES, Mariosan de Sousa; PEREIRA, David de Jesus. A linguagem dos números no Apocalipse: uma gramática simbólica da revelação. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2634907, 2026. DOI: http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634907

Resumo

A simbologia numérica do Apocalipse estrutura a narrativa teológica de João e orienta o leitor tanto na compreensão da identidade de Deus e do Cordeiro quanto no discernimento das forças que se opõem a eles. Os números *sete* e doze representam, de modo geral, a plenitude da ação divina: o *sete* como cifra da atuação do Espírito nas Igrejas e o *doze* como número do povo de Deus, desde as tribos de Israel até os apóstolos do Cordeiro e a nova Jerusalém. Contudo, João também utiliza números "quebrados" ou "diminutos" para descrever a fragilidade das potências demoníacas. O *três e meio*, metade do *sete*, caracteriza tempos de opressão limitados e destinados à ruína. Nesse sistema, o *666* adquire significado não como contraste direto

[a] Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e-mail: mariosansousa@hotmail.com
[b] Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, e-mail: amadodedeus@hotmail.com

com o *sete* ou o *888*, mas como múltiplo do *seis*, metade imperfeita do *doze*. Assim, expressa simbolicamente a distância radical entre a Besta e o povo de Deus e denuncia a incapacidade da Besta de alcançar plenitude, legitimidade ou permanência. Os números, portanto, não são meros ornamentos, mas instrumentos pedagógicos que formam o leitor na sabedoria e no discernimento, ajudando-o a reconhecer as forças em conflito, a manter a fidelidade ao Cordeiro e a orientar suas escolhas diante das pressões do mundo.

Palavras-chave: Simbolismo. Plenitude. Imperfeição. Besta. Discernimento.

Abstract

The numerical symbolism of the Book of Revelation structures John's theological narrative and guides the reader both in understanding the identity of God and the Lamb and in discerning the forces that oppose them. The numbers 7 and 12 generally represent the fullness of divine action: 7 as the cipher of the Spirit's activity in the Churches and 12 as the number of the people of God, from the tribes of Israel to the apostles of the Lamb and the new Jerusalem. However, John also uses "broken" or "diminished" numbers to describe the fragility of demonic powers. The 3½, half of 7, characterizes periods of oppression that are limited and destined for ruin. Within this system, 666 acquires meaning not as a direct contrast to 7 or 888, but as a multiple of 6, the imperfect half of 12. Thus, it symbolically expresses the radical distance between the Beast and the people of God and exposes the Beast's inability to attain fullness, legitimacy, or permanence. Numbers, therefore, are not mere ornaments but pedagogical instruments that form the reader in wisdom and discernment, helping them to recognize the forces in conflict, to remain faithful to the Lamb, and to orient their choices in the face of worldly pressures.

Keywords: *Symbolism. Fullness. Imperfection. Beast. Discernment.*

Introdução

O número acompanha a história da humanidade desde as formas mais elementares de organização da experiência. Por meio dele, o ser humano mede o tempo e o espaço, estabelece proporções, identifica regularidades e confere inteligibilidade ao mundo. Inicialmente utilizado para quantificar objetos, rebanhos ou produtos de troca, provavelmente com o auxílio dos dedos das mãos, o número tornou-se progressivamente um instrumento de abstração, capaz de expressar relações, ritmos, harmonias e estruturas invisíveis à percepção imediata. À medida que o ser humano se desenvolveu como *homo sapiens* e também como *homo ludens*, o universo dos números ultrapassou a esfera do cálculo utilitário para integrar a música, a arquitetura, a filosofia, a arte e, de modo particular, a linguagem religiosa[1], na qual passou a desempenhar funções simbólicas de extraordinária riqueza.

Entre os escritos do cristianismo primitivo, nenhum explora essa dimensão com tanta intensidade quanto o Apocalipse de João[2]. Ao longo de sua narrativa, os números aparecem de forma recorrente e cuidadosamente distribuída, articulando a revelação do agir de Deus, a atuação das forças que se lhe opõem e o desenrolar da história da salvação. Mais do que simples elementos ornamentais ou recursos mnemônicos, eles participam da própria construção literária e teológica do livro, orientando o leitor na interpretação das visões e na compreensão da mensagem profética.

Embora a simbologia numérica do Apocalipse tenha recebido atenção significativa da pesquisa exegética – especialmente nos estudos de Vanni (1980, p. 461-506; 1988, p. 31-61), de Collins (1984, p. 1221-1287) e de numerosos comentadores posteriores –, o enfoque predominante tem consistido em analisar cada número isoladamente, sobretudo o célebre 666 de Ap 13,18. Essa abordagem, embora tenha produzido contribuições importantes para a compreensão de símbolos específicos, tende a fragmentar um fenômeno literário que parece obedecer a uma lógica mais abrangente. Falta, com frequência, uma investigação que considere as relações internas estabelecidas entre os diversos números presentes na obra e sua contribuição para a arquitetura simbólica do conjunto.

A hipótese que orienta este estudo é que os números no Apocalipse não constituem apenas elementos simbólicos isolados, mas formam um sistema de linguagem que estrutura a retórica e a teologia do livro. Em outras palavras, João não emprega os números apenas para atribuir significado a determinados personagens, acontecimentos ou realidades escatológicas; ele constrói, mediante eles, uma verdadeira gramática simbólica, na qual valores numéricos recorrentes se relacionam entre si, estabelecem contrastes, paralelismos e progressões, organizam o discurso narrativo e comunicam uma visão coerente da ação de Deus e das forças do mal. Compreendidos nessa perspectiva, os números deixam de ser meros objetos de especulação gemátrica para revelar-se como componentes estruturantes da estratégia comunicativa do Apocalipse.

Partindo dessa hipótese, o presente artigo procura demonstrar que os principais números do livro – especialmente o 3, o 4, o 7, o 10 e o 12 – integram um sistema simbólico relativamente unitário, cuja coerência se manifesta tanto na organização literária quanto na elaboração teológica da obra. Para tanto, serão examinados, em primeiro lugar, os números relacionados a Deus, ao Cordeiro e à comunidade dos fiéis; em seguida, aqueles associados ao Dragão, à Besta que sobe do mar e ao Falso Profeta, evidenciando

[1] Rühle (1933, p. 1230) explica o surgimento do uso religioso dos números da seguinte forma: "O ser humano percebe, de algum modo, que por trás dos números existe uma força ou uma lei, pois nota que certos números aparecem com regularidade. Mas essa lei ele não consegue apreender, de modo que aquilo que os números têm de ininteligível torna-se para ele um mistério; então imagina que nos números, assim como nas letras do alfabeto, atua alguma força arcana…Assim nascem os números sagrados, que se encontram a cada passo na magia e na religião, sem que se possa compreender por que justamente certos números, como por exemplo 3, 7, 9, gozam de uma preferência especial" (tradução livre).

[2] Collins (1984, p. 1272) afirma que o Apocalipse joanino detém o primado, não apenas dentro do Novo Testamento, mas também em relação a toda a literatura apocalíptica. Os números do Apocalipse, entre cardinais, ordinais e fracionários, somam 275 (283, se forem contados também aqueles que entram em composição), em um total de 405 versículos e 22 capítulos, com uma frequência média de 1,3 números a cada dois versículos e de 12,5 números por capítulo.

como João estabelece deliberadamente uma linguagem de imitação e contraposição entre a economia divina e a paródia satânica. Por fim, acolhendo o convite do próprio autor para "calcular" com sabedoria o número da Besta (Ap 13,18), será desenvolvida uma análise do 666 à luz do sistema numérico anteriormente delineado, buscando demonstrar que seu significado se esclarece de maneira mais adequada quando interpretado no interior da gramática simbólica que permeia todo o Apocalipse.

Os números e a perfeição do agir Divino

O simbolismo numérico do Apocalipse inicia-se com o número sete, que constitui a chave hermenêutica de toda a arquitetura literária e teológica do livro. Mais do que um recurso estilístico ou um expediente organizacional, o sete expressa a plenitude, a totalidade e a perfeição do agir divino na história da salvação. Desde as sete igrejas até os sete espíritos, os sete selos, as sete trombetas e as sete taças, João estrutura sua visão mediante uma gramática simbólica que revela a ação completa e soberana de Deus e do Cordeiro sobre a criação e sobre a história. A análise das primeiras ocorrências do número sete, especialmente em Apocalipse 1–3, permite compreender como o vidente transforma um símbolo amplamente difundido no mundo antigo em um elemento teológico capaz de comunicar a universalidade da Igreja, a plenitude da presença do Espírito e a consumação do desígnio salvífico de Deus.

O número 7 em Apocalipse 1-3

O primeiro número que encontramos no Apocalipse é o número 7. Ele aparece duas vezes em 1,4, precisamente no primeiro versículo que vem depois do longo título (1,1-3). Toda a primeira parte do Apocalipse (Ap 1-3) será dominada por esse número, pois o "sete" ocorre ali 15 vezes, e porque aparece apenas mais um outro número, o número 10, em Ap 2,10. O 7, que depois estará também massivamente presente na segunda parte (Ap 4-22), com 40 ocorrências, é, assim, o número mais importante do Apocalipse joanino[3], como já tinham notado os comentaristas antigos.

Entre os gregos, basta citar André de Cesareia (final do século VI, início do século VII), que encontra esse número no Apocalipse "por toda parte - πανταχοῦ". Entre os latinos, Beda, o Venerável, para quem o número 7 é usado por João com "habilidade mística"; e também Berengário e Joaquim de Fiore, para os quais o Apocalipse está inteiramente sob o signo do número 7[4].

Por outro lado, o número 7 é proverbial em muitas culturas, provavelmente a partir das quatro fases do ciclo lunar[5], e geralmente é considerado número sagrado por estar frequentemente relacionado a divindades, templos e ritos religiosos. João parte, portanto, de uma convenção já consolidada, mas – como sempre – enriquece de modo criativo aquilo que encontra e o reapresenta.

Em Ap 1,4, o "sete" aparece como número das igrejas destinatárias do livro, às quais João dirige seu augúrio inicial. Há muito tempo os comentaristas observam que, naquela região, existiam outras igrejas: por exemplo, a de Trôade, 170 km ao norte da Pérgamo mencionada em Ap 1,11 e 2,12[6]; mas, sobretudo,

---

[3] As ocorrências de ἑπτά no Apocalipse são 60, de um total neotestamentário de 88, enquanto o adjetivo ordinal ἕβδομος ocorre 5 vezes no Apocalipse, de um total neotestamentário de 9 ocorrências.

[4] André de Cesareia (fim do séc. VI) PG 106, 353.B: πανταχοῦ τὸν ἕβδομον ἀριθμὸν παραλαμβάνει (= "Em toda parte ele utiliza o número sete", tradução livre); Beda († 735), PL 93, 131.A: Hunc enim mystica solertia numerum pene ubique servat (= "Com efeito, este livro conserva quase por toda parte este número místico", tradução livre); Berengaudo (séc. XII), PL 17, 845.D, e 892.B: Totus hic liber in septenario numero consistit (= "Todo este livro se fundamenta no número sete", tradução livre); Joaquim de Fiore († 1202): Librum istum septenarius totus [= totum ?] possidet numerus (= "O número sete domina inteiramente este livro", tradução livre) (Biguzzi, 1996, p. 13; Koester, 2020).

[5] Rengstorf (1967, p. 807): "... a razão [da relevância do número 7 entre muitos povos] quase certamente não deve ser buscada na existência dos sete planetas, mas nas quatro fases lunares de sete dias cada". (tradução livre). As fases lunares, observáveis em qualquer latitude, sempre serviram de base para o cálculo e a divisão do tempo, como mostram os numerosos calendários lunares da Antiguidade.

[6] Trôade ficava aproximadamente à mesma distância ao norte de Pérgamo quanto Éfeso ao sul. A celebração noturna mencionada em At 20,7 (cf. também 2Cor 2,12) indica que já no final dos anos 50 havia em Trôade uma comunidade de fiéis com assembleias eucarísticas semanais.

num raio de apenas 15 km da Laodiceia mencionada por João (Ap 1,11; 3,14), existiam as igrejas de Colossos e Hierápolis, fundadas por Epafras (Cl 1,7), discípulo de Paulo. Ora, quem atuava em Laodiceia não poderia deixar de agir também em Colossos, já que ambas as igrejas trocavam cartas apostólicas (Cl 4,16). E não se pode alegar que João de Patmos não tinha por que interessar-se pelas igrejas paulinas, pois a própria igreja de Laodiceia era paulina (Cl 2,1; 4,13ss), e João efetivamente fala dela em Ap 1,11 e 3,14.

Sendo assim, se as igrejas da região eram mais numerosas do que as 7 chamadas em Ap 1,4 de "as igrejas da Ásia", deve-se pensar que João escolhe representar apenas 7 por causa do simbolismo setenário. Isso já foi suposto no século II: o Fragmento Muratoriano, por exemplo, baseia-se no número simbólico das igrejas destinatárias do Apocalipse para afirmar que o livro tem um alcance universal ("embora escreva a sete igrejas, fala, no entanto, a todas").

A mesma interpretação será repetida, quase com as mesmas palavras ("o que diz a uma, diz a todas"), e com referência às sete igrejas às quais Paulo também escreveu, no mais antigo comentário que nos chegou, o de Vitorino de Pettau (Haussleiter, 1916, p. 49). Quase todos os comentaristas antigos repetem a mesma ideia, ainda que com fórmulas variadas[7].

Às 7 igrejas da Ásia, João dirige a saudação epistolar de graça e paz, indicando como fonte desses bens, em primeiro lugar, "Aquele que era, que é e que vem", em terceiro lugar, "Jesus Cristo, a testemunha fiel...", e, em segundo lugar, "os 7 espíritos de Deus", que constituem o segundo elemento setenário do Apocalipse.

Sobre esses sete espíritos de Deus, o Apocalipse fala quatro vezes: em relação com Deus (1,4; 4,5; 3,1), em relação com Cristo (3,1; 5,6) e, por fim – o que mais interessa aqui – em relação com toda a terra: "Vi um Cordeiro… com sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra (ἀπεσταλμένοι εἰς πᾶσαν τὴν γῆν)" (5,6).

Parece, então, possível afirmar que os dons messiânicos da graça e da paz chegam às sete igrejas provenientes de toda a Trindade divina; mas, devido ao número setenário comum, a graça e a paz são trazidas às sete igrejas de modo particular pelos sete espíritos – sobretudo porque, segundo 5,6, para utilizar as palavras de Bauckham (1993, p. 112-113), o plano de Deus para a história e para o mundo e o poder salvífico de Cristo são realizados sobre toda a terra por meio do envio dos sete espíritos[8].

As igrejas são sete, portanto, de algum modo porque Deus e o Cordeiro as plasmaram por meio do envio dos sete espíritos[9].

O número dez como número da tribulação

O outro número de Ap 1-3 é o número dez, que aparece na mensagem à igreja de Esmirna. Ali se diz que provavelmente os líderes daquela igreja serão lançados na prisão por um período de dez dias: "Eis que o diabo está para lançar alguns de vós na prisão, para serdes postos à prova; e tereis uma tribulação de dez dias" (2,10).

---

[7] *Exempla gratia*: Primasio de Adrumeto († 552), André de Cesareia (fim do sec. VI), Beda († 735), Alcuino († 804), Ricardo de São Vítor († 1173), Martino de Lião (sec. XIII) (Emmerson; Mcginn, 1992).

[8] Bauckham (1993, p. 112-113: ""Os sete Espíritos são enviados por toda a terra para tornar eficaz, em todo o mundo, a sua vitória. Enquanto Deus mesmo (...) habita no céu, e ainda não na terra, e enquanto o Cordeiro, vitorioso por meio de sua morte na terra, agora partilha o trono de seu Pai no céu, os sete Espíritos são a presença e o poder de Deus na terra, realizando o Reino de Deus ao implementar a vitória do Cordeiro em todo o mundo". Tradução livre de: "The seven Spirits are sent out into all the earth to make his victory effective throughout the world. While God himself (...). dwells in heaven, not yet on earth, and while the Lamb, victorious through his death on earth, now shares his Father's throne in heaven, the seven Spirits are the presence and power of God on earth, bringing about God's kingdom by implementing the Lamb's victory throughout the world". Disponível em: The Theology of the Book of Revelation. Aceso em: 24 jun., 2026.

[9] Schlatter (1953, p. 235-136) comenta Ap 1,4 escrevendo: "Que na província da Ásia sete comunidades estejam colocadas lado a lado indica que a Igreja ali presente é caracterizada como obra da sabedoria e do poder divinos, os quais nada realizam de modo imperfeito". Tradução livre de: "Daß in der Provinz Asien sieben Gemeinden nebeneinandergestellt sind, ist die dortige Kirche als ein Werk der göttlichen Weisheit und Kraft gekennzeichnet, die nichts unvollkommen tut".

Hauck (1976, p. 832) pensa que uma prisão de dez dias seria uma prisão breve[10]. Contudo, ao contrário, dado que, por experiência primordial, cada pessoa associa o número dez ao número dos dedos das mãos[11], uma tribulação de 10 dias é mais provavelmente uma tribulação longa, pois todos os 10 dedos são necessários para fazer a contagem completa.

Mais importante, porém, é que o fato de esses dias estarem contados indica que estão sob o controle de Deus e que provocarão um sofrimento humanamente menos insuportável do que aquele cuja duração é desconhecida[12].

Assim, o número dez é aqui o número do agir de Satanás[13]; contudo, a ação de Satanás permanece sob o controle de Deus, que, em sua providência, determina os tempos e os regula.

O número sete aplicado a Deus e ao Cordeiro em Ap 4-22

Na segunda parte do Apocalipse, o número 7 não se refere mais às igrejas da Ásia – que praticamente desaparecem da cena[14] – sendo substituídas pela Igreja que poderíamos chamar de universal (Biguzzi, 1996, p. 288-291). Ali, o número fala dos dois campos que se opõem, com um duplo valor: o primeiro pode ser chamado de iconográfico, porque serve para definir descritivamente os antagonistas do drama; o segundo deve expressar o ritmo e a natureza da ação deles (Biguzzi, 1996, p. 11-13).

O número sete é primeiramente relacionado a Deus, ao Cordeiro e a dois grupos de anjos, ministros de Deus. Com relação a Deus, diante de Seu trono ardem sete lâmpadas (4,5), e Sua mão direita segura um livro cuja abertura é impedida por sete selos (5,1). Quanto ao Cordeiro, possui sete chifres, símbolo de poder (5,6)[15], e sete olhos, provavelmente símbolo de conhecimento (5,6; cf. 1,14). E enfim, dois grupos de sete anjos recebem instrumentos: sete trombetas (8,2; 8,6); sete taças litúrgicas (15,7; cf. 16,1; 17,1; 21,9), que contêm sete flagelos (15,1.6.8; 21,9).

Os dois grupos angélicos estão a serviço de Deus, não do Cordeiro[16], porque dos anjos das trombetas é dito que estão diante de Deus (οἳ ἑνκώπιον τοῦ θεοῦ ἐστήκασιν, 8,2), e dos anjos das taças é dito que saem do templo da tenda do testemunho, isto é, do lugar da Presença divina (15,5).

Em todas essas ocorrências, o número sete deve, de algum modo, expressar o mistério de Deus e de sua vontade, distante do conhecimento humano por um impedimento sétuplo (os sete selos), ou indicar o poder e a eficácia de seus ministros (os dois grupos de sete anjos), ou ainda a grande potência (os sete chifres) e a ubiquidade (os sete olhos) salvífica de Cristo.

Outras vezes, porém, o sete fala da ação de Deus e do Cordeiro: assinalados pelo número sete em sua natureza ou em sua imagem, Deus e o Cordeiro agem com uma ação sétupla em quatro grandes ciclos narrativos. Em Ap 2-3, o Cristo Pascal dita a João sete mensagens, uma para cada uma das sete igrejas da

---

[10] "[Em Ap 2,10 o número dez] indica uma perseguição de breve duração, cf. Dan 1,12.14" (tradução livre).

[11] O próprio Hauck (1976, p. 829) declara: "Na raiz da importância atribuída ao número dez, tanto em Israel quanto em outros povos, está o hábito originário de contar nos dedos de uma ou de ambas as mãos." (tradução livre). Na mesma linha, Rühle (1933, p. 1229): "Originalmente, contar não era um ato intelectual, mas um ato de extrema concretude, pois o homem primitivo só conseguia contar ajudando-se com os dedos das mãos etc." (tradução livre).

[12] Os "dez dias" de Ap 2,10 são, de certo modo, equivalentes ao que diz 1Cor 10,13, segundo o qual Deus não põe os seres humanos à prova além de suas forças e, juntamente com as provações, lhes concede a força para suportá-las.

[13] Em si mesmo, ὁ διάβολος poderia ser traduzido genericamente como "o adversário", "aquele que te é hostil", mas mais provavelmente deve aqui ser traduzido como "o diabo", "Satanás", sobretudo pela ausência do genitivo "de vós / ὑμῶν".

[14] Um único provável referimento às igrejas da Ásia está em Ap 22,16: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para testemunhar a vós acerca das igrejas (ἐπὶ ταῖς ἐκκλησίαις)".

[15] Os chifres devem ser entendidos em continuidade com a linguagem do salmista, segundo a qual neles se concentra a força de impacto e a periculosidade do búfalo: "Salva-me da boca do leão e dos chifres dos búfalos" (Sl 21,22; Nm 23,22; Dt 33,17). Os chifres aparecem em grande parte da iconografia oriental antiga sobre as cabeças das divindades para expressar a sua potência divina positiva. (Pritchard, 1966).

[16] Para Allo (1921, p. 102 e 229) os anjos das trombetas estariam precisamente a serviço do Cordeiro, e aqueles das taças deveriam ser identificados com os anjos das taças.

Ásia, conforme já anunciavam os versículos 1,11 e 1,19 (primeira ação sétupla do Cordeiro), enquanto em Ap 6-8 o Cordeiro abre, um após o outro, os selos que impediam a leitura do rolo (segunda ação sétupla do Cordeiro). Deus, então, não diretamente, mas por meio dos dois grupos de anjos, age primeiro com os flagelos das sete trombetas para induzir à conversão os idólatras que adoram demônios e ídolos (Ap 8-11, sobretudo 9,4 e 9,20-21) e, por meio dos sete anjos das taças, derrama flagelos sobre os idólatras que adoram a Besta e sua imagem, também aqui na tentativa de convertê-los (16,9.11) (Biguzzi, 1996, p. 152-154, para o setenário das trombetas, e p. 166-167, para o setenário das taças).

Nesses arcos narrativos, a ação sétupla é uma ação perfeita, da qual nada se pode tirar e nada se pode acrescentar. As mensagens às sete igrejas, de fato, não são genéricas, mas baseiam-se em um conhecimento preciso e profundo, e são extremamente cuidadosas e adequadas tanto no diagnóstico que realizam quanto na terapia que prescrevem. Os sete selos apostos ao rolo que está na mão de Deus significam a mais hermética e impenetrável das selagens e, portanto, o profundo mistério da vontade divina, assim como a abertura dos sete selos pelo Cordeiro significa abertura total e revelação perfeita (Biguzzi, 1996, p. 179-196). A pressão de Deus sobre os idólatras das duas idolatrias, por fim, não poderia ser mais articulada e completa, pois é exercida desde todas as direções (do céu, da terra, do abismo) e em todos os âmbitos possíveis (terra, águas salgadas, águas doces, firmamento, ar etc.)[17].

O número quatro e seu simbolismo cósmico

Em conexão com o trono de Deus, em Ap 5 são mencionados pela primeira vez os Quatro Seres Viventes como dignitários da corte divina (4,4, e depois 5,14; 7,11; 14,3; 19,4 etc.), junto com os Vinte e Quatro Anciãos. Apesar dos traços angélicos que recebem dos serafins de Is 6, os Seres Viventes parecem ser interpretados predominantemente em uma perspectiva cósmica. Cada um deles, em seu aspecto, representa de fato o melhor do reino animal[18], enquanto o seu número quaternário e sua colocação nos quatro lados do trono divino remetem aos quatro pontos cardeais[19].

Ap 7,1 apresenta então quatro anjos que têm poder sobre os quatro ventos e que estão situados nos quatro cantos da terra[20]. O simbolismo cósmico é aqui totalmente evidente, como o será também na descrição da nova Jerusalém, da qual se diz que tem quatro lados (ἡ πόλις τετράγωνος κεῖται), e que seus lados estão voltados para os quatro pontos cardeais: ao oriente (ἀπὸ ἀνατολῆς), ao norte (ἀπὸ βορρᾶ), ao sul (ἀπὸ νότου) e ao oeste (ἀπὸ δυσμῶν) (21,13). Também os 1.600 estádios (múltiplo de quatro; "= 4 x 4

[17] Por exemplo Schlatter (1953, p. 135), que escreve: "… a cifra sete serve como marca das obras de Deus, para expressar a perfeição na qual a vontade de Deus nelas se manifesta e se realiza". Tradução livre de: "... dient die Siebenzahl als Merkmal für die Werke Gottes, um die Vollkommenheit auszudrücken in der sich der Wille Gottes in ihnen offenbart und verwirklicht".

[18] O primeiro Vivente tem aparência de leão, e universalmente o leão é considerado o mais forte dos animais selvagens. O segundo Vivente tem aparência de touro, e o touro é o mais forte dos animais domésticos. O terceiro Vivente tem rosto como de homem, e o ser humano é o mais nobre de todo o reino animal. O quarto Vivente, enfim, tem aparência de águia, e a águia é a mais forte das aves. Que João queira sublinhar as características típicas desses quatro "animais" deduz-se não apenas pelo fato (secundário, mas de certo modo indicativo) de que a águia apareça em voo (ὅμοιον ἀετῷ πετομένῳ), quase como para dizer que uma águia só é realmente águia quando está voando, mas sobretudo pelo fato de que essas quatro características definem a identidade distinta dos Quatro Seres, enquanto em Ez 1 elas aparecem de modo híbrido em cada um dos Viventes. Quanto à ordem de sucessão, João começa pela floresta (o leão), continua pelo ambiente doméstico (touro, homem) e termina pelo céu (águia), abrangendo a totalidade dos lugares onde a vida se manifesta, tanto horizontalmente quanto verticalmente: o ser humano não está no vértice, mas no centro, porque no vértice está o céu, morada de Deus.

[19] Para Balz (1981, p. 1160), "Os quatro pontos cardeais e as quatro regiões do mundo abrangem todo o horizonte. É, portanto, um passo curto chegar ao significado figurado da quaternidade como base e fundamento da globalidade, da totalidade, da completude". (tradução livre).

[20] Os quatro ângulos (γωνίαι) da terra, mencionados também em Ap 20,8, devem ser entendidos como os quatro quadrantes da terra, correspondentes aos quatro pontos cardeais (Balz, 1981, p. 1177, nota 75), mais do que como os quatro lados da terra concebida como um quadrilátero, como pretendem Lohmeyer (1926, p. 65); e Jeremias (1966, p. 735 ("A terra é imaginada como retangular"). Veja-se o título acádico "rei dos quatro ângulos da terra", citado por Balz (1981, p. 1160, nota 15).

x 1.000") de 14,20 devem provavelmente expressar a propagação, em todas as direções, do sangue que sobe até o freio dos cavalos[21].

O simbolismo do número 4 é, em suma, o simbolismo da totalidade cósmica e da ação universal de Deus realizada por meio dos anjos dos ventos, seus ministros, e é o número das criaturas que, por meio dos Quatro Seres Viventes, cantam eternamente o seu louvor na liturgia celeste.

O número "doze" como número do povo de Deus

Em três amplos contextos aparece o número "doze" – o outro número fundamental do Apocalipse – e seus múltiplos. O primeiro contexto é o de 7,5-8, onde são elencados, um após o outro, os nomes das 12 tribos de Israel, às quais se atribuem 12.000 membros marcados com o selo do Deus Vivente. Não é múltiplo de 12 apenas o 12.000 de cada tribo (= 12 x 1.000), mas também o total de 144.000 (12.000 + 12.000 + 12.000 etc. = 144.000), que é anunciado em Ap 7,4 e depois repetido em 14,1.3.

O segundo contexto em que ocorre o número doze é o da visão da Mulher messiânica em Ap 12, a qual traz sobre a cabeça (ἐπὶ τῆς κεφαλῆς) uma coroa de doze estrelas. Sobretudo por causa desse número doze, mas também porque tem como filhos o Messias e seus discípulos (12,5 e 12,17), e pela proteção que Deus lhe reserva (como no antigo êxodo, vv. 6 e 14) por 3 anos e ½ no deserto, a Mulher é o povo messiânico do AT e do NT, que assim é novamente marcado com o número doze (Biguzzi, 2000, p. 33-34).

No terceiro contexto, que é o da Jerusalém escatológica, o número doze marca antes de tudo e sobretudo os espaços da cidade, e depois também seus tempos. A cidade que, como já se viu, tem 4 lados (21,16), possui em cada um dos lados das muralhas três portas (v. 13) e três "fundamentos" (cf. v. 14). O número doze pode, portanto, ser obtido pela multiplicação de "4 x 3", tanto para as portas quanto para os fundamentos, mas é explicitado pelo próprio João quando afirma que sobre as doze portas estão doze anjos e os doze nomes das tribos de Israel (21,12), e sobre os doze fundamentos os doze nomes dos discípulos do Cordeiro (21,14); e quando afirma que os fundamentos são feitos de 12 diferentes pedras preciosas (21,19-20), e as doze portas, de doze pérolas inteiras (21,21). Em particular, o doze das tribos e o doze dos apóstolos do Cordeiro falam, diacronicamente, do único povo de Deus para o qual a nova Jerusalém é preparada; e talvez a própria soma de "12 + 12" deva ser vista também no número dos Vinte e Quatro Anciãos da corte divina, dos quais, como já se viu, o Apocalipse fala repetidamente (4,4 etc.)[22]. O "doze" retorna depois através de seus múltiplos nas medidas do comprimento, da largura e da altura da cidade, que são de 12.000 estádios (21,16), e no perímetro de suas muralhas, que é de 144.000 côvados (21,17).

Quanto aos tempos, na nova Jerusalém, a árvore da vida, irrigada pelo rio da água da vida, dá doze frutos, um para cada mês (22,2), de modo que, na cidade escatológica, o número doze é a medida dos tempos assim como é a dos espaços.

O número doze é, portanto, o número do povo de Deus tanto no passado (as doze tribos), quanto no presente (os doze discípulos do Cordeiro; os 144.000 protegidos dos flagelos da ira pelo selo do Deus vivente; a Mulher perseguida pelo Dragão), quanto no futuro, em sua meta escatológica (a Jerusalém que desce do céu). A comparação entre o doze de Ap 4-22 e o sete de Ap 1-3 revela que João, para falar do povo de Deus, recorre ao sete em chave pneumática e no nível das igrejas locais, enquanto emprega o doze em chave histórico-salvífica e para o Israel universal e único de Deus do AT e do NT.

---

[21] Assim, por exemplo, Sweet (1979 p. 233), que escreve: "…um símbolo do mundo (4×4 – os quatro cantos)" (tradução livre).

[22] Assim interpretam, por exemplo, também alguns comentadores antigos, como Vitorino Pettau (PL Suppl. I, 121: "... sunt xxiv patres xii apostoli et xii patriarchae" = ... os vinte e quatro anciãos são os doze apóstolos e os doze patriarcas", tradução livre); André de Cesareia (253.D: "διὰ τῶν ιβ' πρεσβυτέρων, τοὺς ἐν τῇ Παλαιᾷ διαλάμψαντας διά δὲ τῶν ἑτέρωνιβ', τους ἐν τῇ Νέᾳ διαπρέψαντας" = "por meio dos doze presbíteros, [representam-se] aqueles que brilharam na Antiga [Aliança], e por meio dos outros doze, aqueles que se distinguiram na Nova", tradução livre), e Walafrido Strabão que em vez dos patriarcas introduz doze profetas (PL 144, 718.C: "Viginti quatuor seniores: duodecim prophetae, duodecim apostoli" = "Os vinte e quatro anciãos: doze profetas, doze apóstolos", tradução livre).

A tríade antidivina e a face diabólica dos números

Antes de apresentar os números como expressão da perfeição do agir divino, o Apocalipse revela que o mesmo universo simbólico pode ser apropriado pelas forças do mal. João constrói, assim, uma sofisticada contraposição entre a simbologia da plenitude divina e sua imitação idolátrica, na qual os números se tornam instrumentos de uma paródia teológica destinada a desmascarar a pretensão do poder anticrístico de usurpar o lugar de Deus.

A tríade antidivina e a paródia do 3 e do 7

Para o autor do Apocalipse, o número não é apenas ordem e perfeição, nem tampouco é somente divino: de fato, também as forças adversárias a Deus e a Cristo se apropriam dele. Para ilustrar o lado "diabólico" do número, convém partir do Dragão, o chefe dos adversários de Deus, que em Ap 12 se opõe à Mulher messiânica envolta pelo sol e ao Messias que ela dá à luz.

Derrotado no céu (12,8-9) e em dificuldade na terra (12,13-17), o Dragão se coloca à espreita na praia do mar, como se buscasse e aguardasse cúmplices (12,18). Do mar emerge, de fato, em seu auxílio, uma Besta que todas as nações acabam por adorar (13,1-8), enquanto uma segunda Besta sobe da terra e leva os habitantes da região a construir uma estátua para a primeira Besta, pedindo-lhes – também mediante o recurso à violência – que lhe prestem culto e adoração (13,11-17). À Tríade divina, da qual provinham graça e paz para as sete igrejas da Ásia, contrapõe-se, portanto, uma tríade antidivina e idolátrica, da qual, para os discípulos do Cordeiro, provêm armadilhas contra a fé e perseguições.

Dessa maneira, João delineia a verdadeira e própria paródia pela qual a tríade idolátrica imita de modo grotesco Deus e o Cordeiro[23], paródia que poderia ser ilustrada pelos numerosos elementos de paralelismo antitético presentes na narração (Barnett, 1989, p. 111-120), mas que aqui deve ser apresentada a partir dos números e de seu simbolismo. Os números da tríade idolátrica, assim como os da Tríade divina, são em parte números "iconográficos" e em parte números do "agir".

O super número dos dez chifres e diademas

Quanto aos números "iconográficos", o Dragão possui sete cabeças, dez chifres e sete diademas (12,3), enquanto a Besta que emerge do mar tem sete cabeças, dez chifres e dez diademas (13,1; 17,3.7.9). Os números característicos são, portanto, sete e dez. O sete constitui uma paródia dos números de Deus e do Cordeiro, enquanto o dez – que já era número do *diábolos* em 2,10 – expressa grande poder físico (dez chifres) e grande poder político (dez diademas)[24].

O que merece atenção é o super número dos sete chifres tanto do Dragão quanto da Besta, em relação às suas cabeças, que são apenas sete. Alguns intérpretes limitam-se a registrar a falta de simetria (Allo, 1921, p. 11; Bonsirven, 1951, p. 215; Brütsch, 1965, p. 206), outros atribuem a discrepância numérica ao acoplamento desajeitado de fontes não reelaboradas e unificadas como seria necessário (Bousset, 1906, p. 337; Loisy, 1923, p. 228; Lohmeyer, 1926, p. 97; Gelin, 1938, p. 629); [25], mas, mais provavelmente, a desproporção entre o 10 e o 7 é intencional e expressa, por um lado, uma arrogante ostentação de poder e, por outro, desordem e caos. Na já em si monstruosa *policefalia* do Dragão e da Besta, há, portanto, um

[23] Nessa linha de interpretação, Halver (1964, p. 39) chama Satanás de "o macaco de Deus - die Affe Gottes".

[24] Quanto às sete cabeças, (Lawrence, 1995, p. 77), escreve lapidariamente: "Sete cabeças, sete vidas" (tradução livre), enquanto Hauret (1979, p. 330), define os diademas do Dragão como "emblemas da sua multiforme realeza" (tradução livre).

[25] Para Lohse (1974, p. 125-126), "Esses dois elementos, derivados de tradições diferentes, não se harmonizam entre si" (tradução livre). No entanto, o excesso dificilmente pode ser explicado dessa forma, já que é encontrado tanto no Dragão quanto na Besta.

elemento que deve alarmar e alertar os cristãos das igrejas da Ásia e todos os leitores (Biguzzi, 2000, p. 38-41).

"Três e meio" como 7 dividido e incompleto

Se, em sua paródia antidivina, a tríade se apropriou dos números "iconográficos" de Deus e do Cordeiro, ela não consegue, porém, se apropriar do sete enquanto número do agir. Em 12,6, a ameaça do Dragão obriga a Mulher a refugiar-se no deserto por 1.260 dias. No duplicado – mais do que paralelo – de 12,14, a Mulher refugia-se no deserto por "um tempo, tempos[26] e metade de um tempo", isto é, "três tempos e meio". A expressão, peculiar, retoma Dn 7,25 e 12,7, onde os "três tempos (καιροί) e meio" são os três anos e meio da perseguição de Antíoco IV Epífanes, que durou de junho de 168 a.C. até dezembro de 165. Em 13,5, a Besta emergente do mar recebe o poder de agir por 42 meses[27].

Como se trata sempre do mesmo período (1.260 dias = 42 meses de 30 dias = 3 anos e ½), e como a chave interpretativa desses números está na referência aos "3 tempos/anos e meio" derivados de Dn 7,25[28], o que João quer dizer com eles é que o Dragão (12,6.14) e a Besta do mar (13,5) agem em um tempo que é a metade de sete. Em qualquer versão, portanto – seja calculado em dias, meses ou anos –, o Dragão e a Besta atuam em um tempo diminuído, um agir incompleto, em comparação com a ação poderosa, eficaz e perfeita de Deus e do Cordeiro[29].

A paródia de Deus e do Cordeiro por parte da Tríade idolátrica, portanto, tem fôlego curto, e o desfecho do confronto entre os dois lados é previsível e inevitável: a ação perfeita de Deus não pode deixar de prevalecer sobre a ação manca e diminuída do Dragão e da Besta.

Dessa forma, para João, o confronto entre os dois exércitos que se enfrentam na história pode ser expresso pelos números. Enquanto a arma de seus adversários é o caos e a prevaricação, a arma de Deus e do Cordeiro é a ordem dos números: os números do agir divino e messiânico são como a rede na qual as forças satânicas são cercadas por todos os lados, capturadas e vencidas (Biguzzi, 1996, p. 252-253).

Calcular o número da besta

O simbolismo numérico do Apocalipse (Ap 13,18) alcança um de seus pontos mais desafiadores na enigmática cifra da Besta. Longe de constituir um simples código oculto, o número 666 integra uma estratégia narrativa que convoca o leitor a participar ativamente da interpretação da revelação, fazendo do cálculo um exercício de discernimento teológico diante das pretensões idolátricas do poder anticrístico.

O envolvimento do leitor de Apocalipse nos cálculos

O convite presente em Ap 13,18 para calcular o número da Besta não surpreende o leitor, pois ele já havia sido envolvido anteriormente em cálculos e operações aritméticas – e isso ocorrerá de modo ainda mais intenso na descrição final da Jerusalém escatológica (Biguzzi, 1996, p.111).

Em 7,4-8, por exemplo, João apresenta primeiro o total de 144.000 selados com o selo do Deus vivo, para depois fornecer os respectivos componentes: "doze mil da tribo de Judá, doze mil da tribo de Rúben etc., e doze mil da tribo de Benjamim". Em Ap 11-13, João também solicita ao leitor que reconheça a equivalência entre os "três tempos e meio" de 12,14, os 42 meses de 11,2 e 13,5, e os 1.260 dias de 12,6,

[26] Frois (1954, p.186), escreve que no livro de Dn "it may reasonably be supposed that the plural stands for the dual". Semelhante é a posição de Kassing (1958, p. 53).

[27] Então os 42 meses durante os quais a cidade santa é deixada à mercê do povo (11,2) e os 1.260 dias do difícil ministério profético das Duas Testemunhas entre os "habitantes da terra" (11,3).

[28] Hadorn (1928, p. 8) fala de "danielische Zahl" (= número daniélico).

[29] Allo (1921, p. 143), usa a expressão "o número sete quebrado", e que acrescenta: "3½... signifie ce qui est arrêté au milieu de son cours" ("aquilo que é interrompido no meio do seu caminho", tradução livre).

envolvendo cálculos de multiplicação e divisão. Em 12,3 e 13,1 ele provavelmente pede ao leitor que perceba o número excedente dos dez chifres ou diademas do Dragão e da Besta em relação às suas sete cabeças – discrepância reconhecível pela mais simples das subtrações. Em 17,10-11, pede ao leitor que some "5 + 1 + 1" para obter o total de sete reis, ainda que depois, devido à sua "aritmética especial"[30], ele mesmo perturbe o cálculo ao afirmar que um dos sete reis também será o oitavo (v. 11b). Em Ap 21, por fim, o leitor deve multiplicar "3 (portas) x 4 (lados da cidade)" para chegar ao total de 12 portas. Depois, deve reconhecer novamente o número 12 como base ao considerar os 12.000 estádios de largura, comprimento e altura da cidade (v. 16). Também deve somar "1 + 1 + 1..." até chegar a 12 na lista das pedras preciosas dos fundamentos da cidade (vv. 19b-20), e distribuir os 12 frutos da árvore pelos meses do ano, atribuindo a cada mês o seu fruto: "... a árvore da vida (...) produz doze frutos, dando um fruto por mês" (22,2).

Quando João solicita esses cálculos, ele o faz com intenção: envolver o leitor numa leitura participativa e criativa, transmitir-lhe que o tema tratado é importante e o interpela diretamente, mostrando que ele mesmo está em jogo. Isso vale sobretudo para o cálculo – explicitamente solicitado ("... calcule o número da Besta"!) – do número do nome da Besta.

A antiga mitologia grega colocava na boca da Esfinge de Tebas o enigma sobre "o animal que caminha primeiro com quatro patas, depois com duas e finalmente com três" – mas, por meio de Édipo, oferecia a solução. João de Patmos, ao contrário, não revela a solução do seu 666; limita-se a convidar o leitor à sabedoria e à perspicácia: "Aqui está a sabedoria. Quem tiver entendimento calcule o número da Besta: pois é número de homem. E o seu número é 666". Segundo Ruperto de Deutz (†1130), o "aqui" (ὧδε) que abre o convite ao cálculo é como um dedo apontado com grande preocupação para algo que exige total vigilância: "[João] quer que seu leitor esteja vigilante quando, indicando com o dedo o ponto preciso, diz: 'Aqui está a sabedoria'"[31]. João pede *sophía* e *noûs*; trata-se, portanto, de algo muito mais sério do que um mero jogo[32]. Em 15,2, por exemplo, ele declara que o número da Besta é algo que o crente deve vencer – assim como a própria Besta. Trata-se, portanto, de questão de vida ou morte, exatamente como era, na Tebas da mitologia, a solução do enigma da Esfinge.

O número 666 segundo os antigos e segundo os modernos

Ao analisar as interpretações do fatídico número da Besta ao longo dos séculos, o primeiro comentarista – e provavelmente o maior de todos os tempos nesse tema – é Irineu (*Adv. Haer.* 5, 28-30). Irineu, antes de tudo, nos informa sobre a tradição interpretativa anterior a ele, mencionando três nomes que, por diferentes razões, eram considerados como o nome oculto em Ap 13,18. Em segundo lugar, ele defende com firmeza o 666 contra a variante textual 616, que atribui ao erro de um copista: merece indulgência – diz Irineu – quem aceita o 616 por ingenuidade e sem malícia, mas cai sob as ameaças de Ap 22,18-19 quem, por segundas intenções, retira deliberadamente cinquenta unidades do número da Besta. Em terceiro lugar, Irineu tenta ao menos quatro novas vias interpretativas para o nome.

---

[30] O interrogativo de Bonsirven (1951, p. 36) é interessante: "Não estaria essa operação vinculada a uma aritmética peculiar do vidente, que lhe permite afirmar que 'um oitavo pertence aos sete' anteriormente mencionados, combinando uma lógica quantitativa com uma lógica qualitativa?". Tradução livre de: "Cette opération ne relèverait-elle pas d'une arithmétique spéciale au voyant et lui permettant de dire 'qu'un huitième fait partie des sept' nommés antérieurement, mélange de l'ordre quantitatif et du qualitatif?"

[31] "Vigilantem vult esse auditorem dum quasi digito designans atque circumspiciens: 'Hic, inquit, sapientia est'" (PL 169, 1083.D). - Já Santo Irineu considera a indicação daquele nome como estímulo à vigilância: "Agora, contudo, ele revela o número do nome, para que estejamos vigilantes diante daquele que há de vir, conhecendo previamente quem ele é", tradução livre de: "Nunc autem numerum nominis ostendit, ut caveamus illum venientem, scientes quis est". Segundo Martinho de Leão (1855), porém, sabedoria e inteligência são necessárias para evitar cair no engano, visto que o Anticristo se apresentará com o nome de Cristo, sendo na realidade seu adversário implacável (PL 209, 371.D).

[32] Segundo Beasley-Murray (1978, p. 219): "João não pretendeu propor um enigma aos seus leitores. A questão era séria demais para isso", tradução livre de: "John did not intend to pose a riddle for his readers. The issue was far too serious for that".

Quanto aos três nomes pelos quais seus predecessores haviam interpretado o 666, eles são: ΕΥΑΝΘΑΣ, ΛΑΤΕΙΝΟΣ e TEITAN. O primeiro seria a tradução livre para o grego (*eanthas*, formado de *eu-* e *-anthos*, "flor") do nome do procurador da Judeia entre os anos 64 e 66, Gessius Florus (*florus*, de *flos, -ris*)[33]; o segundo se referiria ao Império romano-latino; o terceiro faria alusão não apenas aos Titãs da mitologia greco-latina, mas também ao culto do sol[34].

Quanto à sua própria contribuição, Irineu: a) procura nas Escrituras números paralelos que possam ter valor típico para a Besta, encontrando-os nos 600 anos de Noé, que deveriam ser somados aos 60 côvados de altura e 6 de largura da estátua de Nabucodonosor, de modo que a apostasia e a idolatria do AT prefigurariam as do tempo do Anticristo, com o qual ele identifica a Besta; b) pelo contexto da narrativa da Besta, deduz que o 666 é o nome de alguém "que não tem consistência" (*quasi qui non sit*), pois em 17,8 se diz que a Besta "era e não é (καὶ οὐκ ἔστιν), subirá do abismo e irá à perdição"; c) mas sobretudo Irineu renuncia ao cálculo por letras e números, afirmando que 666 pode corresponder a nomes demais, de modo que não faz sentido obstinar-se nesses cálculos; acrescenta que, se fosse indispensável conhecer esse nome, o Espírito Santo e João o teriam revelado; d) em consequência, ele reflete sobre o 666 em si mesmo, observando que ele contém três vezes o número 6: uma vez nas unidades, outra nas dezenas, outra nas centenas; e) assim, Irineu atribui ao 666 o valor e a força de número "de recapitulação", e o que o 666 recapitula é expresso por ele numa longa série de sinônimos: iniquidade, maldade, rebelião contra Deus, falsidade da idolatria, apostasia, malícia, pseudoprofecia e engano.

Irineu fez escola, e os caminhos abertos por ele foram retomados posteriormente em tentativas semelhantes. Alguns buscaram nas Escrituras números simbólicos relacionados ao 666: é o caso de Beda, o Venerável, que encontra no AT que a Salomão, verdadeiro rei, era pago anualmente um tributo de 666 mil talentos de ouro, e que o Anticristo, sedutor e tirano, desejaria o mesmo tributo (PL 93, 172.D)[35].

Com frequência repetiu-se a reflexão sobre o número 6 como número – não de recapitulação, mas – de incompletude[36], ou, curiosamente, como número de perfeição[37]. Em alguns casos, imitou-se com sensatez a prudência de Irineu em evitar definições: "*De re tam incerta nihil audeo definire*" (PL 17, 972.A).

Muito mais frequentemente, porém, os comentaristas de 666 retomaram o caminho dos predecessores de Irineu, de modo que, sob sua influência[38], alguns voltaram a propor TEITAN ou

[33] A respeito, Colson (1916, p. 100) declara: "Parece-me inconcebível que a hipótese apresentada pela primeira vez tenha sido destituída de sentido (...). O governador [= Gessio Floro], cujas atrocidades são descritas longamente por Josefo (...), cuja opressão desencadeou a guerra fatal, talvez segundo um propósito deliberado de sua parte, e de quem Tácito afirma: *duravit tamen patientia Iudaeis usque ad Florum procuratorem* ('a paciência dos judeus, contudo, perdurou até o procurador Floro'), certamente permaneceu por muito tempo como um nome que inspirava horror a todo judeu" (tradução livre). No entanto, é preciso dizer que, para designar o procurador romano em questão, Josefo usa a transliteração Γέσσιος Φλῶρος. É menos convincente a interpretação de Ευανθας proposta por Dornseiff (1936, p. 369), segundo o qual: "Euanthas...: um 'florescente', um 'próspero'! Trata-se de uma ironia mordaz e amarga. O imperador romano e, de modo geral, o romano, o 'latino', realmente vivia bem; podia empanturrar-se dos bens de suas vítimas" (tradução livre). Na estrada de Colson, segue Bonsirven (1951, p. 235-236, nota 1). Para muitos autores Ευανθας, é, ao invés, um nome sem significado. É a posição de Swete (1907, p. 175) que fala da "impossível palavra Euanthas"; Barclay (1959, p. 295) declara que "Euanthas é em si mesmo sem significado. A mesma posição assume Ford (1975, p. 226) para qeum "Ευανθας...é sem significado".

[34] Escreve, de fato, Irineu: "... e esse nome é considerado divino por muitos, visto que até o próprio sol é chamado 'Titã' por aqueles que hoje assim o denominam" (tradução livre).

[35] E o caso de Ruperto de Deutz (1854), que escreve explicitamente: "consultemos a Santa Escritura", tradução livre de: "*Sanctam Scripturam consulamus*". (PL 179, 1085.A).

[36] Assim, Ruperto de Deutz (1854), para quem o número 7 é o número de Deus, que descansou no sétimo dia da criação, e é o número do Cordeiro que, segundo o mesmo livro do Apocalipse, tem sete chifres. Mas o Anticristo para no número 6, diz Ruperto, porque "nunca chega ao sétimo, pois jamais fez penitência, nem a fará", tradução livre (PL 169, 1088.C).

[37] Para Strabão e Anselmo (PL 162, 1549.C-D), 6 indica a perfeição mínima, a das pessoas casadas; 60 a perfeição mediana, a daqueles que abandonam o casamento e vivem em castidade; 600 a perfeição máxima, a daqueles que vivem plenamente na integridade do corpo e do espírito. Também Aimão (PL 117, 1103 D1104.B), e Riccardo de São Vítor (PL 196, 809.A-B).

[38] Certamente não é coincidência que, por exemplo, Hipólito (primeira metade do século III) proponha os mesmos três nomes encontrados em Irineu. (*De Antichr*. 50,11-14).

ΛΑΤΕΙΝΟΣ[39], perpetuando a interpretação anti-romana do Apocalipse. Na mesma linha e pele, portanto, todo – o da soma do valor numérico das letras (*gematria*) – foram propostos: ΑΝΤΕΜΟΣ, "[o que é] contrário à honra", e portanto "inadequado"[40] ou "oposto" a Deus e a Cristo; ΑΡΝΥΜΕ, "nego, negador"[41], já que o Anticristo é aquele que combate e nega Cristo; DICLUX, um nome latino próximo ao *nonsense*[42]; e ΓΕΝΣΕΡΙΚΟΣ, entendido como "sedutor das nações", nome claramente inspirado pelo impacto europeu da ocupação de Cartago (439 d.C.) e do saque de Roma (455 d.C.) pelo rei dos Vândalos.

A única precisão adicional que os comentadores antigos acrescentaram após Irineu é que o nome proposto deve estar em grego, já que o Apocalipse foi escrito em grego. Diz, por exemplo, Bruno de Asti: "Alguns quiseram expressar esse nome também em latim, mas isso é pouco pertinente, já que este livro foi escrito em grego" (PL 165, 677.C).

Na época das controvérsias confessionais, em que o Apocalipse foi brutalmente instrumentalizado como arma para atacar adversários, os protestantes viram na Besta o papado e interpretaram seu número com expressões como ΙΤΑΛΙΚΗ ΕΚΚΛΗΣΙΑ, "a Igreja itálica", ou ΠΑΠΕΙΣΚΟΣ, "papista"; enquanto católicos propuseram, por exemplo, ΛΟΥΘΕΡΑΝΑ, "(rebelião) luterana / coisas luteranas" (Barclay, 1959, p. 295-296). O retorno à interpretação do Apocalipse em chave de história contemporânea, especialmente numa chave anti-imperial, levou intérpretes dos últimos séculos a buscar no 666 o nome de algum imperador romano. Bossuet (1689) voltou a propor DICLUX, interpretando-o como DIoCLes aVgVstVs, "Diocleciano Augusto"; Grotius (1644) propôs ΟΥΛΠΙΟΣ, "Ulpio (Trajano)"; Spitta (1889), ΓΑΙΟΣ ΚΑΙΣΑΡ, "Gaio (Calígula) imperador"; Deißmann (1908), ΚΑΙΣΑΡ ΘΕΟΣ, "[o] imperador [é] Deus"; Kraft (1974), M. ΝΕΡΟΥΑ, "M. Nerva imperador"; Hartingsveld (1978), QEYSAR DWMYTYANUS, "Domiciano imperador" (em letras hebraicas); enquanto quatro intérpretes anteriores (Fritzsche, 1831; Benary, 1836; Hitzig, 1837; Reuß, 1837), independentemente entre si, haviam proposto QSR NRWN, "Nero imperador" (em letras hebraicas), hoje a interpretação mais amplamente aceita.

A partir de A.G. van den Bergh van Eysinga (1912), passou-se a propor com certa insistência uma interpretação aritmética do 666, que é um número duplamente triangular, pois é o número triangular de 36, que, por sua vez, é o número triangular de 8 (van den Bergh van Eysinga, 1912, p. 293-305; Lohmeyer 1953, p. 115-116; Sweet 1979, p. 218-219; Lupieri, 1999, p.218-219). A soma dos números de 1 a 8 é 36, e a soma dos números de 8 a 36 é 666. Como, segundo os antigos, o número triangular (*arithmós trígonos*) compartilha o valor e significado de seu número base, o 666 de Ap 13,18 deve, portanto, ser relacionado ao número 8, como, de certo modo, indica Ap 17,11: "... e a Besta [cujo número é 666], que era e não é, é o oitavo (*ὄγδοος*), e é um dos sete". Em conclusão, como número duplamente triangular, o 666 estaria em

[39] Repetindo as interpretações de Irineu, Hipólito muda sua preferência para AATEINOS («οἱ κρατοῦντες ἔτι νῦν εἰσι Λατεῖνοι», *De Antichr*. 50,17) (*Apud* Achelis, 1897, p. 17). Seguindo seus passos estão André de Cesareia (340.D), e Areta de Cesareia (PG 106, 681.B). 53.

[40] Assim, por exemplo, as resenhas de Victorino, e depois de Primásio, Beda, Aimão, Anselmo de Laon, Ruperto de Deutz (de quem foram retiradas as traduções latinas dos nomes individuais) e Ricardo de São Vítor. O melhor significado é aquele atribuído a "ΑΝΤΕΜΟΣ" de Walafrido Strabão: "... qui Christo contrarius dicitur" (734.B), e de Bruno, que acresceta: "... inde enim Antichristus vocatur" (677.A).

[41] É a interpretação de Hipólito (*De cons. mundi 28,20*), Primasio, Beda, Aimão, Walafrido Strabão e Ruperto.

[42] Entre os antigos, Rupert tem dificuldade em atribuir qualquer significado a esse nome ("... que relação teria esse número com aquele homem?", 1084.D). Outros, no entanto, aventuram-se em interpretações mais ou menos satisfatórias: "... Diclux, nome pelo qual entendemos, por antífrase, o Anticristo; pois, embora esteja privado e separado da luz celeste, ele se transfigura em anjo de luz, ousando chamar a si mesmo de luz" (as recensões de Vitorino Pettau, PL Suppl. I, 157 e 158); "... porque ele próprio diz ser a luz" (Walafrido Strabão, PL 114, 734.C); "Ele próprio confessará que é a luz" (Aimão, 1103.B); "Que outra coisa isto parece significar, senão que seus aduladores, dirigindo-lhe súplicas, dirão: 'Dize, ó Luz; fala, legislador, não te cales, tu que és a luz; mostra-nos por qual caminho devemos caminhar'" (Bruno, 677.C-D). Tradução livre de todos os textos.

forte contraste com o número quadrado[43] de Cristo e com os 144.000 de seus discípulos, representando toda a iniquidade do Anticristo e, ao mesmo tempo[44], a repentina destruição que o aguarda.

Balanço e perspectivas

Em torno do "irritante mistério" (Prigent (1985, p. 426) do número de Ap 13,18 surgiram, portanto, três tipos de interpretação. A interpretação mais antiga – anterior a Irineu e ainda hoje de longe a mais difundida – é a interpretação gemátrica, que procura um nome cujas letras hebraicas, gregas ou latinas somem 666 conforme o respectivo valor numérico. Irineu inaugurou a interpretação do valor de [666] como número recapitulador e simbólico, interpretação que alguns antigos seguiram, muitas vezes de modo subordinado à gematria, e que também não está ausente entre intérpretes modernos. A interpretação aritmética de 666 como número triangular, a última a ser proposta, em continuidade ideal com as especulações numerológicas de pitagóricos e gnósticos, foi ganhando defensores, mas tem dificuldade em ser aceita.

E não sem razão. A interpretação aritmética, embora explique de algum modo a referência de João ao número da Besta, não explica a referência ao seu nome, ignorando o fato de que João fala do nome da Besta (13,17bis; 14,11; 15,2) e sobretudo do "número do seu nome" (13,17; 15,2). A interpretação gemátrica, ao contrário, é muito provavelmente pressuposta pelo imperativo *ψηφισάτω*. O verbo *ψηφίζω*, derivado de *ψῆφος* ("pedrinha polida")[45], que originalmente significa "contar com pedrinhas", aqui significa "calcular com letras", pois o cálculo diz respeito a um nome. Nenhum comentarista deixa de mencionar, com Deissmann (1923) e Zahn (1926), o grafite pompeiano em grego que diz: "Amo aquela cujo número é 545 – φιλω ης αριθμος φμε". Ainda mais explícito é o texto citado no dicionário Liddell, Scott e Jones (1940) na entrada *ψηφίζω*, que convida a "calcular pelas letras": "ἐὰν ψηφίσῃς τὸ ἔν ἐν γράμμασιν κτλ. / se calculares o termo ἔν com base nas letras [seu valor numérico]..." (Theologoumena Arithmeticae 6, *Apud* De Falco, 1922).

Se a via gemátrica é provavelmente aquela pretendida por João para seus contemporâneos, ela, porém, jamais poderá levar a um resultado certo, pois, como muitos autores observam, não sabemos qual alfabeto usar para o cálculo, nem quantas letras compõem o nome. Assim, o enigma permanece necessariamente aberto a um número indefinido de possíveis soluções[46]. As letras gregas com valor numérico são 27[47]; e, se por exemplo o nome oculto por trás de 666 tivesse 6 letras, como o *TEITAN* mencionado por Irineu, teríamos seis incógnitas, cada uma podendo assumir qualquer um dos 27 valores possíveis. É verdade que alcançar certeza sobre o nome oculto em 13,18 significaria alcançar também certeza sobre a interpretação global do Apocalipse, especialmente sobre o alvo principal visado pelo combativo João de Patmos. Mas essa certeza nos é definitivamente vedada.

Consequentemente, é preciso renunciar à solução completa do enigma e, sem lamentos e com certo oportunismo, contentar-se com uma solução parcial. De fato, o 666 pode ceder um pouco de seu mistério quando relacionado e comparado com outros números do Apocalipse, pois, afortunadamente, o restante do simbolismo numérico joanino, como vimos, está em grande medida ao nosso alcance. Recordando Irineu, P.

---

[43] Sobre números triangulares, quadrados e retangulares, discute Bauckham (1993, p. 390-394), e em particular a definição essencial dos três tipos de números na p. 392.

[44] Charlier (1991, p. 291) declara: "Estaríamos, portanto, diante de uma absolutização do número oito, por meio de uma dupla triangulação". Tradução livre de "Nous serions donc en présence d'une absolutisation de 8, par voie de double triangulation".

[45] O O verbo ψάω significa "raspar", "alisar". O equivalente em latim de ψῆφος é calculus – que por sua vez vem de calx, "cal", de onde se lê "calcular".

[46] Bonsirven (1951, p. 235) declara: "[...] comportando um número indefinido de soluções". Loisy (1923, p. 258-259): "O número pode adaptar-se a muitos nomes... O significado do número é impossível de determinar se forem consideradas apenas as possibilidades de combinação aritmética". Behm (1956, p. 78: "O jogo de adivinhação em torno da escolha dos números e das letras é interminável", tradução livre de: "Das Ratspiel um die zu wählenden Zahlen und Buchstaben ist endlos". Rühle (1967, p. 1237): "De todas as soluções tentadas, nenhuma é totalmente satisfatória, então é natural perguntar se vale a pena tentar outras, que teriam sempre apenas o caráter de meras tentativas" (tradução livre).

[47] Na era helenística, os 24 sinais do alfabeto ático eram usados com a adição do estigma (ϛ) para o número 6, o Koppa (correspondente ao q latino) para o número 90 e o sampi (ϡ, antigo sinal local para σσ) para o número 900 (Pieraccioni, 1975, § 171, com a nota n. 2, e § 172).

Prigent afirma que sua interpretação do 6 como número de recapitulação não é muito convincente, mas que o princípio é interessante. E é por esse caminho que é preciso continuar a busca (Prigent, 1985, p. 430-433)[48].

Tentativas de interpretar o número 666 com base no simbolismo do número 6

Um número frequentemente posto em relação de contraste com o *666* é o número *sete*, isto é, o número da ação perfeita de Deus e do Cordeiro. Permanecendo por três vezes abaixo do *sete*, o *666* significaria uma perfeição clamorosamente falhada. Allo (1921, p. 194), por exemplo, usa as expressões: "poder incompleto", "uma coisa fracassada", e Prigent (1985, p. 432) fala de "*sete* lacunoso" e de "imperfeição irremediável". Outros autores chegam à mesma conclusão relacionando o *666* com o número *8* ou, melhor, com o *888*, que segundo o cálculo de *Oraculos Sybilinos* (I, 324-331), é o valor numérico do nome de Jesus em grego, ΙΗΣΟΥΣ[49].

Das duas propostas, porém, a primeira esbarra no fato de que o *sete* é atribuído também ao Dragão (12,3: sete cabeças e sete diademas) e à Besta (13,1; 17,3.7.9: sete cabeças)[50], de modo que, com razão, Kraft (1974, p. 183) escreve: "Também a imperfeição tem seu ápice no número sete"[51]. Além disso, justamente sobre as sete cabeças da Besta, João constrói uma verdadeira especulação iconográfica para indicar que a Besta é vulnerável ("uma das cabeças foi ferida de morte", 13,3), para ajudar o leitor a situar topograficamente a Grande Prostituta que a cavalga ("as sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está sentada", 17,9), ou ainda para dizer que as sete cabeças são símbolo de poder político ("as sete cabeças… são sete reis"), e que um desses reis é a própria Besta, que caminha para a perdição etc. (17,11). Quanto ao confronto entre o *666* e o *888* como número de Jesus, a dificuldade está no fato de que, no Apocalipse, o número *8* é uma vez número da Besta (17,11) e nunca, de modo algum, número de Jesus; com efeito, o *888* e seu simbolismo cristológico devem ser procurados nos Oráculos Sibilinos (Irineu, *Adv. Haer*. 1, 15, 2.5.).

Uma intuição de Ch. Brütsch (1965) – por ele não desenvolvida – ajuda a dizer algo mais sólido. A ideia consiste em observar o *6* ou o *666* não em si mesmos, mas integrando-os no sistema simbólico dos números do Apocalipse.

O número 666 em relação ao número doze e não ao número sete

No comentário a Ap 1,4, onde aparece o primeiro número do Apocalipse, Brütsch afirma que os números *sete* e *doze* caracterizam geralmente a plenitude da obra divina, enquanto cifras "truncadas", como o *três e meio* e o *seis*, metade do *sete* e do *doze*, deixam entrever a imperfeição, a inconsistência e o fim miserável dos empreendimentos demoníacos (1965, p. 232)[52]. Dos dois elementos enfatizados por Brütsch,

[48] Na mesma linha Morris (1987, p. 169): "We should understand the expression purely in terms of symbolism of numbers"; também Beasley-Murray (1978, p. 220): "It [= 666] was significant in itself"; como também Harrington (1993, p. 144): "If seven is the perfect number, then six is penultimate, incomplete number".

[49] Por exemplo Halver (1964, p. 40): "... o número da Besta, 666, é a tentativa de atingir o número sagrado sete, sem ser capaz de alcançá-lo", tradução livre de: "... ist die Zahl des Tieres 666 der Versuch, die heilige 7-Zahl zu erreichen, ohne es zu vermögen". Na mesma linha, Beasley-Murray (1978, p. 221): "Se o contraste entre 666 e 888 estava presente na mente de João, o emprego do número 666 em Apocalipse 13,18 coroava, de maneira admirável, o tema da imitação satânica que percorre todo o capítulo 13", tradução livre de: "If the contrast between 666 and 888 was present to John's mind, the use of 666 in 13,18 crowned in a superb way the theme of satanic imitation that runs throughout chapter 13".

[50] Destaca-se, por exemplo, Frois (1954, p. 124) que na nota 1 destaca: "Vale a pena observar que, enquanto o número sete é empregado no Apocalipse tanto para as realidades de Deus quanto para a imitação de Satanás, o número doze (e seus múltiplos) é utilizado exclusivamente em sentido positivo para aqueles que pertencem ao lado de Deus", tradução livre de: "It is worth noting that whereas the number 7 is employed in the Apocalypse both for the things of God and for the mimicry of Satan, the number 12 (and its multiples) is used exclusively in a god sense for those who are on the side of God".

[51] Tradução livre de "Auch die Unvollkommenheit has ihren Höhepunkt in der Sieben".

[52] A propósito, Brütsch (1965, p. 26 e p. 232) declara: "Enquanto os números sete e doze, bem como os números deles derivados, caracterizam, em geral, a plenitude da obra divina, os números incompletos ou truncados (como 3½ e 6, que correspondem, respectivamente, à metade de sete e de doze)

o do *sete* como número da perfeição foi descartado há pouco, porque, como vimos, o *sete* também é número do Dragão e da Besta. Além disso, no Apocalipse, a regra dos números imperfeitos por falta de uma unidade é desconhecida. Está atestada, porém, em cinco textos (11,2.3; 12,6.14; 13,5) a regra do número imperfeito porque reduzido à metade, ainda que apenas para o número *três e meio*, metade do *sete*.

Dessa forma, a via do *seis* como metade do *doze*, intuída por Brütsch, não só é sem contraindicações, como corresponde ao modo como João constrói seus simbolismos numéricos. É verdade que em grego o *666* não aparece como o agrupamento de três seis, como nos algarismos árabes[53], mas como *600* (ἑξακόσιοι), *60* (ἑξήκοντα) e *6* (ἕξ). Ainda assim, trata-se de um múltiplo de *6* e de uma soma de seus múltiplos. Além disso, quando o leitor (Ap 1,3) escutasse, nas assembleias das igrejas da Ásia, o convite a calcular o número da Besta, o ouvido dos ouvintes seria atingido três vezes pelo prefixo *ex-* e pela sibilante inicial de cada termo numérico: *ex-akósioi* (600), *ex-ekonta* (60), e *ex* (6)[54].

Assim, o *666* é antes de tudo uma cifra construída inteiramente sobre o número *6*, mísera metade do número *doze*, que é o número do povo de Deus. Consequentemente, em segundo lugar, ele indica que a Besta nada tem a ver com o povo de Deus, e que, inversamente, as igrejas da Ásia e todos os discípulos do Cordeiro nada têm a ver com a Besta. Sem hesitação alguma, quem lê o Apocalipse deve optar pelo lado certo: deve colocar-se ao lado dos *doze* apóstolos do Cordeiro, dos *144.000* marcados com o selo do Deus vivo, e deve ter plena consciência de que a pátria para a qual caminha é a nova Jerusalém, com suas *doze* portas, seus *doze* fundamentos e os *doze* frutos da árvore da vida.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite concluir que os números do Apocalipse constituem muito mais do que um conjunto de símbolos empregados ocasionalmente por João. A investigação demonstrou que eles integram um sistema coerente de linguagem, dotado de regras internas de recorrência, contraste, progressão e complementaridade, mediante o qual o autor organiza sua narrativa, estrutura sua argumentação teológica e conduz o leitor ao discernimento da realidade histórica à luz da revelação. Confirma-se, assim, a hipótese que orientou esta pesquisa: os números no Apocalipse não constituem apenas elementos simbólicos isolados, mas formam um sistema de linguagem que estrutura a retórica e a teologia do livro.

Essa constatação permite superar uma tendência recorrente da pesquisa exegética, que frequentemente interpreta cada número de forma independente, sobretudo no caso do célebre 666 de Ap 13,18. Embora tais estudos tenham produzido contribuições importantes, a leitura de conjunto evidencia que o significado dos números não decorre apenas de seu valor simbólico individual, mas, sobretudo, das relações que estabelecem entre si no interior da arquitetura literária do Apocalipse. Os números constituem uma verdadeira gramática simbólica, cuja inteligibilidade depende do conjunto da obra e não apenas de ocorrências isoladas.

---

denunciam a imperfeição, a inconsistência e até mesmo o colapso final das iniciativas demoníacas", tradução livre de: "Alors que 7 et 12, ainsi que les nombres dérivés, caractérisent généralement la plenitude de l'oeuvre divine, les chiffres tronqué (comme 3½ et 6, la moitié respectivement de 7 et de 12...) trahissent l'imperfection, l'inconsistance et même l'effondrement final des entreprises démoniaques"; "...on a relevé que ce chiffre contient 3 fois celui de 6, qui n'atteint pas à la plénitude de 7 et n'est pas que la moitié de 12".

[53] Conferir, ao invés, por exemplo, Beetm (1921, p. 25) que declara: "Procuremos uma solução considerando o número [666] de maneira puramente simbólica... Para nós, ele já não será seiscentos e sessenta e seis, mas simplesmente 6, 6, 6: três números seis colocados lado a lado, cuja justaposição enfatiza a ideia ou as ideias representadas por um único seis", tradução livre de: "Let us seek for a solution by treating the number [666] in pure symbolic wise... For us it will no longer be six hundred and sixty-six, but simply 6, 6, 6, three sixes standing side by side, and by their juxtaposition emphasising the idea or ideas represented by a single 6".

[54] Como 666 é o elemento central de uma das exortações mais enfáticas e solenes de Ap, não é inadequado destacar a presença de uma figura de retórica: a repetição tripla de "ex" dá origem a uma aliteração (Blass-Debrunner, § 489, 7); ou melhor, a uma "assilabação", já que a mesma sílaba se repete nas três palavras (Berardi, 1969, p. 15 e p. 34). Para a sonoridade da repetição de "ex", é interessante o estudo de Bauckham (1993, p. 394).

Nesse sistema, o simbolismo numérico revela a identidade e a ação de Deus, do Cordeiro e do Espírito, configura a vocação da Igreja representada pelas sete comunidades da Ásia e projeta a esperança escatológica do povo de Deus, herdeiro das doze tribos e peregrino em direção à Jerusalém celeste, com suas doze portas e a árvore da vida. Em contraposição, o mesmo sistema descreve também a ação do Dragão, das Bestas e do Falso Profeta, cuja linguagem numérica reproduz deliberadamente uma lógica de imitação imperfeita, expondo o caráter paródico e provisório das pretensões do poder contrário a Deus. A oposição entre essas duas ordens simbólicas constitui um dos principais recursos retóricos mediante os quais João interpreta a história e orienta a resistência das comunidades cristãs.

Sob essa perspectiva, os números deixam de desempenhar apenas uma função ilustrativa para assumir um papel decisivo na estratégia comunicativa do livro. Eles estruturam a memória das ações de Deus, organizam a expectativa escatológica, conferem unidade às visões e educam o leitor para uma leitura sapiencial da história. O convite para "calcular" o número da Besta (Ap 13,18) não representa, portanto, um desafio meramente criptográfico ou gemátrico, mas sintetiza o programa hermenêutico de toda a obra: compreender a realidade exige discernimento espiritual, inteligência teológica e capacidade de reconhecer, para além das aparências, a diferença entre a plenitude que procede de Deus e as imitações produzidas pelos poderes idolátricos.

Desse modo, o simbolismo numérico do Apocalipse revela-se como um componente essencial de sua linguagem teológica. Os números não apenas comunicam conteúdos doutrinais, mas participam ativamente da construção do sentido, articulando narrativa, retórica e teologia em um único sistema expressivo. Considerá-los como uma linguagem simbólica integrada permite compreender com maior profundidade a composição literária do livro, ilumina passagens tradicionalmente interpretadas de maneira fragmentária e abre novas possibilidades para o estudo da estrutura narrativa, da retórica e da teologia do Apocalipse de João.

Abreviações

AT – Antigo Testamento.
NT – Novo Testamento.
PG – *Patrologiae Cursus Completus. Series Graeca*, editada por Jacques-Paul Migne.
PL – *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*, editada por Jacques-Paul Migne.

Referências Bibliográficas

ALLO, E. Bernard. *Saint Jean, L'Apocalypse*. Paris: Beauchesne, 1921. Disponível em: Saint Jean, L'Apocalypse : Allo, E. Bernard (Ernest Bernard), 1873-1945 : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive. Acesso em: 24 jun., 2026.

ANDREA DI CESAREA (Andrew of Caesarea). *Commentary on the Apocalypse*. In: *Patrologia Graeca*, vol. 106. Paris: J.-P. Migne, s.d.

BALZ, Horst. τέσσαρες. In: BROWN, Colin (ed.). *The New International Dictionary of New Testament Theology*. v. 13. Stuttgart: Kohlhammer, 1981.

BARCLAY, William. Revelation XIII. *The Expository Times*, Edinburgh, v. 70, n. 10, p. 295-298, 1959.

BARNETT, Paul. Polemical Parallelism and the Apocalypse. *Journal for the Study of the New Testament*, Sheffield, n. 35, p. 111-120, 1989.

BAUCKHAM, Richard. *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edinburgh: T&T Clark, 1993.

BAUCKHAM, Richard. *Theology of the Book of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. Disponível em: The Theology of the Book of Revelation. Acesso em: 24 jun., 2026.

BEASLEY-MURRAY, George Raymond. *The Book of Revelation*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1978.

BECKWITH, Roger (ed.). *The Early Christian Fathers*. Oxford: Oxford University Press, s.d.

BEET, William Edward. The Number of the Beast. *The Expository Times*, Edinburgh, v. 33, p. 25-27, 1921.

BEHM, Johannes. *Die Offenbarung des Johannes*. 7. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1956. (Das Neue Testament Deutsch, 11).

BENARY, Ferdinand. Ueber die Zahl des Thieres in der Apokalypse. *Zeitschrift für speculative Theologie*, Berlin, v. 1, 1836.

BERARDI, Renato. *Dizionario dei termini della critica letteraria*. Firenze: Le Monnier, 1969.

BIGUZZI, Giancarlo. *I settenari nella struttura dell'Apocalisse*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996.

BIGUZZI, Giancarlo. La donna, il drago e il Messia in Ap 12. *Theotokos: Ricerche Interdisciplinari di Mariologia*, Roma, v. 8, n. 1, p. 17-66, 2000.

BONSIRVEN, Joseph. *L'Apocalypse de Saint Jean*. Collection Verbum Salutis, n. 16. Paris: Beauchesne, 1951.

BOSSUET, Jacques-Bénigne. *L'Apocalypse avec une explication*. Paris: Sébastien Mabre-Cramoisy, 1689.

BOUCHET, G. (comp.). *Dizionario di Esegesi e Critica Biblica*. Milano: Jaca Book, s.d.

BOUSSET, Wilhelm. *Die Offenbarung Johannis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1896.

BRÜTSCH, Charles. *La clarté de l'Apocalypse*. 5. éd. Genève: Labor et Fides, 1965.

CECCHELLI, C. (org.). *Studi in onore di G. Funaioli*. Roma: Istituto Biblico, 1955.

CHARLIER, Jean-Pierre. *Comprendre l'Apocalypse*. Tome I. Paris: Les Éditions du Cerf, 1991.

COLLINS, Adela Yarbro. Numerical Symbolism in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. II.21.2. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1984. p. 1221-1287.

COLSON, Francis Henry. Euanthas. *The Journal of Theological Studies*, Oxford, v. 17, n. 65, p. 100-101, 1916.

DE FALCO, Vittorio (ed.). *Theologoumena Arithmeticae*. Stuttgart: B. G. Teubner, 1922.

DEISSMANN, Gustav Adolf. *Licht vom Osten: Das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch-römischen Welt*. 4. Aufl. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1923.

DORNSEIFF, Franz. Die Rätsel-Zahl 666 in der Offenbarung des Johannes. *Forschungen und Fortschritte*, Berlin, v. 12, n. 25-26, p. 369-370, 1936.

EMMERSON, Richard Kenneth; McGINN, Bernard. *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

FORD, Josephine Massyngberde. *Revelation: Introduction, Translation, and Commentary*. Anchor Bible, v. 38. Garden City, NY: Doubleday, 1975.

FRITZSCHE, Christian Friedrich August. *Annalen der gesammten theologischen Literatur und der christlichen Kirche überhaupt*. Leipzig: Vogel, 1831.

GELIN, Albert. L'Apocalypse. In: PIROT, Louis (ed.). *La Sainte Bible*. Paris: Letouzey et Ané, 1938. v. 12.

GIBLIN, Charles Homer. *The Book of Revelation*. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1991.

GROTIUS, Hugo. *Annotationes in Novum Testamentum*. Paris: Ludovicus Elzevir, 1644.

HADORN, Wilhelm. *Die Offenbarung des Johannes*. Leipzig: A. Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1928.

HALVER, Reinhold. *Der Mythos im letzten Buch der Bibel: Eine Untersuchung der Bildersprache der Johannes-Apokalypse*. Hamburg-Bergstedt: Herbert Reich Evangelischer Verlag, 1964.

HARRINGTON, Wilfrid J. *Revelation*. Sacra Pagina, v. 16. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1993.

HAUCK, Friedrich. δέκα. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (org.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. v. II. Stuttgart: Kohlhammer, 1976.

HALBERSTADT, Haimo de. *Expositio in Apocalypsim*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1852. (PL 117).

HAURET, Charles. Eve transfigurée: de la Genèse à l'Apocalypse. *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, Strasbourg, v. 59, n. 3, p. 321-341, 1979.

HAUSSLEITER, Johannes (ed.). *Victorini Episcopi Petavionensis Opera*. Wien: F. Tempsky, 1916. Disponível em: Victorini episcopi Petavionensis Opera : Victorinus, Saint, Bishop of Pettau, d. 303 or 4 : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive. Acesso em: 24 jun., 2026.

HILLERS, Delbert R. Revelation 13,18 and a Scroll from Murabba'at. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, New Haven, n. 170, p. 65-67, 1963.

HIPÓLITO DE ROMA. *De Christo et Antichristo*. In: ACHELIS, Hans (ed.). *Hippolytus Werke*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1897. p. 1-47.

HITZIG, Ferdinand. Ueber Johannes Markus und die apokalyptische Zahl 666. *Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, Göttingen, 1837.

IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Graeca*. Paris: J.-P. Migne, 1857. v. 7.

JEREMIAS, Joachim. γωνία. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (org.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1966. v. II.

KASSING, Albert. *Die Kirche und Maria: Ihr Verhältnis im 12. Kapitel der Apokalypse*. Düsseldorf: Patmos-Verlag, 1958.

KOESTER, Craig R. (ed.). *The Oxford Handbook of the Book of Revelation*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

KRAFT, Heinrich. *Die Offenbarung des Johannes*. Handbuch zum Neuen Testament, 16a. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1974.

LAON, Anselmo de. *Enarrationes in Apocalypsim*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1854. (PL 162).

LAWRENCE, David Herbert. *Apocalisse*. Roma: Newton Compton Editori, 1995. (Original inglês: *Apocalypse*. Firenze: G. Orioli, 1931).

LE FROIS, Bernard J. *The Woman Clothed with the Sun (Apoc. 12): Individual or Collective? An Exegetical Study*. Roma: Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1954.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. *A Greek-English Lexicon*. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LOHMEYER, Ernst. *Die Offenbarung des Johannes*. 2. Aufl. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1953. (Handbuch zum Neuen Testament, 16).

LOHSE, Eduard. *L'Apocalisse di Giovanni*. Brescia: Queriniana, 1974.

LOISY, Alfred. *L'Apocalypse de Jean*. Paris: Bloud & Gay, 1923.

LUPIERI, Edmondo. *L'Apocalisse di Giovanni*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1999.

MARTINHO DE LEÃO. *Expositio in Apocalypsim*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1855. (PL 209).

MORRIS, Leon. *Revelation: An Introduction and Commentary*. Revised ed. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1987.

PETTAU, Vitorino de. *Commentarius in Apocalypsim (recensio Hieronymiana)*. In: HAMMAN, Adalbert (ed.). *Patrologiae Latinae Supplementum*. Paris: Garnier Frères, 1958. v. 1.

PIERACCIONI, Dino. *Morfologia storica della lingua greca*. 3. ed. Messina; Firenze: G. D'Anna, 1975.

PRIGENT, Pierre. *L'Apocalisse di S. Giovanni*. Tradução de Piero Brugnoli. Roma: Borla, 1985.

PRITCHARD, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3. ed. Princeton: Princeton University Press, 1969. Disponível em: ANET-PDF.pdf. Acesso em: 24 jun., 2026

REUSS, Édouard. *Die Geschichte der Heiligen Schriften Neuen Testaments*. Braunschweig: Schwetschke, 1842.

RÜHLE, Otto. ἀριθμέω, ἀριθμός. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (org.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1967. v. I.

RUPERTO DE DEUTZ. *Commentaria in Apocalypsim Sancti Joannis*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1854. (PL 169).

SCHLATTER, Adolf. *Die Briefe und die Offenbarung des Johannes*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1953.

SÃO VÍTOR, Ricardo de. *In Apocalypsim Joannis*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1855. (PL 196).

SPITTA, Friedrich. *Die Offenbarung des Johannes untersucht*. Halle: Max Niemeyer, 1889.

STRABÃO, Walafrido. *Glossa ordinaria in Apocalypsim*. In: MIGNE, Jacques-Paul (ed.). *Patrologiae Cursus Completus. Series Latina*. Paris: J.-P. Migne, 1852. (PL 114).

SWEET, John Philip McMurdo. *Revelation*. Philadelphia: Westminster Press, 1979.

SWETE, Henry Barclay. *The Apocalypse of St. John: The Greek Text with Introduction, Notes and Indices*. 2. ed. London: Macmillan, 1907.

VAN DEN BERGH VAN EYSINGA, Gerardus A. Die in der Apokalypse bekämpfte Gnosis. *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*, Berlin, v. 13, p. 293-305, 1912.

VAN HARTINGSVELD, L. Die Zahl des Tieres: Apk 13,18. *Novum Testamentum*, Leiden, v. 20, p. 321-335, 1978.

VANNI, Ugo. Il simbolismo dell'Apocalisse. *Gregorianum*, Roma, v. 61, p. 461-506, 1980.

VANNI, Ugo. *L'Apocalisse: Ermeneutica, esegesi e teologia*. Bologna: EDB, 1988.

YARBRO COLLINS, Adela. *The Apocalypse*. New Testament Message, v. 22. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990.

ZAHN, Theodor. *Die Offenbarung des Johannes*. 2. Aufl. 2 v. Leipzig: A. Deichert; Erlangen: Andreas Deichert, 1926.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 29.06.2026 / 06.29.2026

Aprovado/Approved: 12.08.2026 / 08.12.2026